

INTERFERÊNCIA

SUBCOMANDANTE MARCOS DA CULTURA UNDERGROUND À CULTURA DA RESISTÊNCIA*

*Tradução: Yara Aun Khoury***

Apresentação

Como um raio, cuja passagem produz e propaga luminosidade, a presença e a fala do subcomandante Marcos ressoam em muitas partes do mundo. Nós mesmos fomos encontrá-las em versão francesa, embora seu original esteja ainda mais próximo de nós, na América Latina hoje.

Marcos, Sub e não Comandante, configura-se como uma genial estratégia de resistência. Como subcomandante, é uma primeira indicação de que a figura do líder do movimento zapatista não está em evidência. Mais do que Marcos, ele é o movimento e qualquer um dos que são o movimento pode ser o líder.

Num mundo e num sistema que valorizam e exploram o nome próprio, a vida privada, que reduzem, muitas vezes, o movimento ao líder, a figura irreconhecível do subcomandante, além de tornar sua captura impossível, dissolve, o tempo todo, a possibilidade de fragilizar esse movimento por meio do destrato da liderança.

Marcos nos faz pensar sobre formas de luta na América Latina e sobre a importância de trazer para a reflexão acadêmica essa presença dentro das tendências neo-liberais da atualidade que, se por um lado fortalecem a desigualdade social, por outro, não cessam de ser criticadas.

* Texto extraído de um vídeo do subcomandante Marcos, chefe do movimento zapatista (México), projetado na mesa-redonda *Da cultura underground à cultura da resistência*, no quadro do “Multiforum Alicia”, em 26/10/1999. Texto traduzido para o francês por Monique Amade e adaptado pela redação de *Chimères*, pp. 169-177.

** Professora do Departamento de História da PUC-SP.

Essa crítica traz uma golfada de ar aos nossos questionamentos sobre modos de vida, sobre as lutas pela sobrevivência, pela garantia da dignidade, mesmo na pobreza, “pela garantia de um mundo que contém muitos mundos”, permitindo seu florescimento constante.

Sua fala, conectando cada sujeito com sua história e também com seu dever, nos estimula para o compromisso de não se render ao confortável apelo de somente ouvir sua própria voz e jamais a do outro. Acaba mostrando que qualquer pessoa pode ser um guerreiro a partir de suas próprias histórias. Nesse sentido, a cultura de cada um é sua própria arma, numa luta que quer “tudo para todo mundo” e não somente para si mesmo.

Sua fala é ação. Ação que expressa e se refaz em seis anos de luta resistindo a soldados, tanques, bombardeiros, metralhadoras, balas e granadas. Ação que transforma a pobreza em arma de resistência à mentira e à dominação, tendo como aliados, no próprio dizer do guerreiro, sua cultura, seu modo de ser, a música, a dança e a montanha, “essa velha companheira e amiga ..., com seus caminhos, esconderijos e vertentes, suas árvores, suas chuvas e sóis, suas auroras, suas luas...”.

Sua fala nos embala como poesia e como força!

Yara Aun Khoury

Queremos agradecer aos organizadores do “Multiforum Alicia” por seu convite para participar desta mesa-redonda. Não temos muita experiência em mesas-redondas, sendo as mesas quadradas, principalmente, nossa especialidade, como aquela em que estão sentados aqueles que nos acompanham nesse evento: Zach de la Rocha, Yaolt, Hermann Bellinghausen, Nacho Pineda, um ou uma companheira do coletivo Anarko Punk, e Javier Elorriaga. O mais provável é que os participantes desta mesa-redonda, que não é redonda, estejam sentados sobre um pequeno estrado e que não haja, nem mesmo, mesa, apenas algumas cadeiras. Se é assim, eu sou o único a ter uma (mesa), porque eles devem necessariamente colocar a televisão em algum lugar para projetar para vocês este vídeo.

Bem, o fato é que nesta mesa-redonda, os participantes não podem se entreolhar como se a mesa fosse redonda. Estamos, então, diante de vocês, o que é melhor, porque daqui posso avistar uma moça que tem em seu olhar os melhores argumentos para

abandonar o tema das mesas-redondas ou quadradas e não lhes digo o tema que seu olhar propõe... (suspiro). Onde eu estava? Ah sim! Estamos diante de vocês, nessa mesa-redonda intitulada, não sei por quem, “Da cultura subterrânea à cultura da resistência”. Não, não tenho nada contra aquele que assim intitulou esta mesa-redonda, que não é redonda. O problema é esta palavra que retorna: “CULTURA”. Ainda que a limitemos por “subterrânea” e “de resistência”, tantas coisas entram nesta palavra, que uma mesa-redonda, ou quadrada, não bastaria para esgotá-la. Seria necessário, de preferência, um grande encontro intercontinental, com anos-luz de duração, sem contar o tempo que empregariamos para ajustar o micro, para saudar o público ou para tirar uma soneca, porque alguém decidiu que a cultura é entediante e se esforçou por demonstrá-lo.

Dito isto, não lhes falarei nem da cultura subterrânea, nem da cultura da resistência, nem da ponte que, seguramente, as une. Além de deixar o tema para aqueles que nos acompanham nesta mesa dita redonda, eu evito me ridicularizar e oculto minha ignorância enciclopédica sobre este assunto. Como diria o muito grande e muito amado Don Durito de la Lacandona, “não há problema suficientemente grande que não possamos contornar”. Eu acrescentarei a essas sábias palavras que motivam a ação e o compromisso, “não há mesa-redonda que não seja quadrada”.

Sei que vocês todos estão, agora, ansiosos por saber de que diabos vou lhes falar. Mais de um deve se perguntar se a guitarra que tenho ao meu lado significa que vou entoar para vocês uma dessas *rolas* que, muito dignas, correm o México “de baixo” ao qual todos pertencemos. Não, não vou entoar nenhuma *rola*. A guitarra é para o “boi” que vamos fazer amanhã, 27 de outubro de 1999, com *Rage Against The Machine*, *Aztlán Underground* e *Tijuana No.*, no Palácio dos Esportes. Contanto que a polícia não nos caia em cima antes, neste caso o concerto terá lugar na célula mais próxima de vosso coração.

Arma da resistência

Vocês sabem? Nós somos guerreiros. Guerreiros muito diferentes, mas, no final das contas, guerreiros. E os guerreiros conhecem poucas coisas. E, no pouco que conhecemos, há as armas. Daqui a pouco, vou lhes falar da arma da resistência. Além de sermos guerreiros, somos indígenas mexicanos. Vivemos nas montanhas do sudeste mexicano, que é o último recanto deste país. Nós vivemos como vivem a maioria dos

índigenas do México, quer dizer, muito mal. Nossas casas têm o solo de terra, nossas paredes são feitas de mourão e de barro, e nossos tetos são em zinco, em cartão e em sapé. A mesma peça serve de cozinha, de sala de refeição, de quarto e de galinheiro. Nossos alimentos são, essencialmente, o milho, o feijão, a pimenta, e os legumes que a *milpa* nos dá. No caso da medicina, só temos uma pequena farmácia pouco sortida. Médicos? Não sonhemos. A escola, se ela não está ocupada pelos soldados do governo, é um acampamento que abriga, ao mesmo tempo, quatro grupos de alunos, não muito numerosos, pois nossas crianças começam a trabalhar muito jovens: entre 4 e 5 anos, as meninas, carregando galhos, moendo o milho, lavando as roupas e se ocupando de seus irmãos menores; os meninos, entre 10 e 12 anos, começam arrancar a montanha, a guardar os rebanhos, transportar madeira, a trabalhar na *milpa*, no café e nos campos.

Nossas terras são pobres por duas razões: elas são pobres porque são as nossas terras e elas são pobres porque não dão muita colheita. As colinas e os terrenos pedregosos são para nós, as boas terras para os grandes proprietários. O gado e o café que vendemos para fazer um pouco de dinheiro, nós os vendemos aos “coiotes”, intermediários que nos pagam até dez vezes menos do que o preço do mercado. Assim, não somente nosso trabalho é muito duro, mas, além disso, ele é mal pago.

Entretanto, ainda que vivamos na pobreza como a maioria da população indígena, não vivemos da mesma maneira. Nossa pobreza é igual à dos outros, mas ela é diferente, é uma “outra pobreza”. Nós somos pobres porque nós o escolhemos. Desde o começo de nosso levante, ofereceram-nos tudo para conseguir que nós nos vendêssemos, que nos rendêssemos. Se o tivéssemos feito, se nos tivéssemos rendido, se nos tivéssemos vendido, teríamos agora boas casas, boas escolas, hospitais, máquinas para trabalhar a terra, melhores preços para nossos produtos, bons alimentos.

Mas nós escolhemos não nos vender, não nos render. Porque somos indígenas e também guerreiros. E os guerreiros são guerreiros porque lutam por alguma coisa. E nós, os zapatistas, nós lutamos por boas moradias, uma boa alimentação, uma boa saúde, por um preço correto por nosso trabalho, boas terras, uma boa educação, o respeito da cultura, o direito à informação, à liberdade, à independência, à justiça, à democracia e à paz. Sim, nós lutamos por tudo isso, mas para todos, e não somente para nós. É por isso que nós, zapatistas, somos guerreiros, porque queremos “Tudo para todo mundo, nada para nós”.

Se nós tivéssemos nos rendido, se nós tivéssemos nos vendido, nós teríamos saído da pobreza, mas os outros continuariam sendo pobres.

Bom, mas vocês devem estar se perguntando: onde está a arma da qual nos falou este belo, atraente e simpático guerreiro? Estamos chegando lá. Quando o governo viu que nós não nos rendíamos, que nós não nos vendíamos, ele ficou na nossa cola, para nos obrigar a nos render e a nos vender. Eles nos ofereceram muito dinheiro, projetos, ajudas, e nós os recusávamos, eles ficavam furiosos e nos ameaçavam. Então, nós compreendemos que recusando a receber a ajuda governamental, quer dizer, resistindo, nós punhamos os poderosos em cólera. E não há nada que agrade mais um guerreiro zapatista do que colocar os poderosos em cólera. Assim, com uma alegria especial, nós nos consagramos a resistir, a dizer “não”, a transformar nossa pobreza em arma. A arma da resistência.

Sobre o poder dessa arma já falam seis anos de guerra, com ela nós resistimos a sessenta mil soldados. Tanques de guerra, aviões bombardeiros, helicópteros de artilharia, canhões, metralhadoras, balas e granadas. Com ela resistimos à mentira. Se vocês quiserem que eu resuma, eu diria que nós nos fizemos soldados para que um dia os soldados não sejam mais necessários, e que nós permanecemos pobres para que um dia não haja mais pobreza. É por isso que utilizamos a arma da resistência.

Certamente não é a única arma que temos, como o mostra o aço que nos veste. Nós temos outras. Por exemplo, nós temos a arma da palavra. Temos também a arma de nossa cultura, de nosso modo de ser. Nós temos a arma da música, a arma da dança. Nós temos a arma da montanha, essa velha companheira e amiga que luta conosco, com seus caminhos, esconderijos e vertentes, suas árvores, suas chuvas e sóis, suas auroras, suas luas...

Nós temos também as armas que estão naturalmente sobre nós, mas não é o momento de fazer trocadilhos principalmente quando vocês agora estão tão sérios. E para que vocês relaxem, vou lhes contar uma história engraçada... Mas não vou horrorizá-los, não vou contar piadas, é melhor deixar isto para Zedillo que, como presidente, continua sendo uma piada ruim. Não, é melhor passar ao tema seguinte, do qual vou lhes falar.

Música e resistência: o encontro dos “outros”

Em particular o *rock*, mas não somente o *rock*. Em particular os grupos musicais, mas não somente eles. Quero dizer, não somente aqueles que vemos e escutamos, mas também aqueles que tornam possível que os vejamos e escutemos.

Porque os amigos se eletrizam quando escutam *Rage Against The Machin, Aztlán Underground, Tijuana No* ou *Durito Against the Sup* (que é um grupo que se formará se Durito continuar a tocar as coqueluches). Quando vocês sentem que seus ossos e seus músculos não obedecem mais a não ser aos vossos corações e que vocês começam a se movimentar, a balançar, a saltar, a fazer um passinho por aqui, um passinho por ali, a se colar uns aos outros, a fusionar com a orquestra... vocês não pensam nestes ou naquelas que tornam possível que escutemos este grupo e que tenhamos local e razão para dançar. Outro dia, eu escutava algumas *rolas* de um grupo que toca de modo muito maçante (porque antes da guerra “eduquei meus ouvidos” escutando os verdadeiro huapangos, polcas, e os “gritos” zapatistas). Eu olhava a apresentação do CD e vi que havia bastante gente implicada, além daqueles que tocam, e acredito que o trabalho de toda essa gente é reconhecido pelos músicos, mas também por nós, que escutamos e dançamos. Por exemplo, nós estamos aqui na autodenominada “Multiforum Alicia” e aqui estão Zach, Yaotl, Pineda, o colega ou a colega do conjunto Anarko Punk, Elorriaga, e este vídeo que vocês são obrigados a ver, porque vocês querem é escutar Zach e Yaotl, e não o bla-bla, mas que estoure uma *rola*... Estamos aqui neste local, mas quem organizou esta mesa-redonda que é quadrada? Os que são responsáveis pelo som que flui bem ou mal, os que guardam o local, que o mantêm vivo, que abrem este espaço para que vocês e nós nos encontremos, quem são eles, então? Eles estão aqui, não sabemos onde, digamos que estão atrás. Então, eu vos proponho que aplaudamos essa gente sem a qual não haveria mesa-redonda, nem mesa quadrada, nem música, nem o que quer que seja.

Bem, o tema é, então, *música e resistência*. O fato é que alguma coisa aproxima o zapatista e o *rock*, se não o que fazemos aqui, Zach Yaotl e eu (porque eu também sou roqueiro, mas à moda antiga), sentados numa mesa-redonda que, vocês todos viram, é quadrada. Se disséssemos que o zapatista “saltou” nos grupos de *rock* imprimindo aí seu efeito “outro” e “diferente”, acho que seríamos injustos. Porque esses grupos têm suas próprias trajetórias de envolvimento social e profissional. O que aconteceu, então? Pode ser que o que aconteceu tenha sido um encontro. Encontro das palavras, mas sobretudo dos sentimentos. Se *rolas* desses grupos podem passar, sem nenhum problema, por comunicados zapatistas e se comunicados podem ser as palavras de uma canção, não é pelas qualidades daqueles que as escreveram, não; é porque eles refletem a mesma coisa, este outro subterrâneo que, na sua diferença, se organiza para resistir, quer dizer para existir. Porque os zapatistas não são os únicos guerreiros da resistência. Muitos grupos (alguns estão aqui reunidos) também fizeram da resistência uma arma, e a uti-

lizam. E tem de tudo, indígenas, trabalhadores, mulheres, homossexuais, lésbicas, estudantes, jovens. Há sobretudo jovens, homens e mulheres, que se identificam como: *ska's*, góticos, metaleiros, *trashers*, *rappers*, *hip hoppers*, e *etcéteras*. Olhando bem, vemos que eles não têm nada em comum, que eles são todos e todas “diferentes” e “outros”. E é precisamente isso que temos em comum, nós somos “outros” e “diferentes”. E, mais do que isso, nós temos em comum a luta para continuar sendo “outros” e “diferentes”, e é por isso que nós resistimos. E nós somos “outros” e “diferentes” para os poderosos; dizendo de outra forma, nós não somos como eles querem que sejamos, nós somos nós mesmos.

E aquele que é como nós somos, em vez de querer impor seu modo de ser ao “outro” ou ao “diferente”, procura que lhe seja próprio e que seja, ao mesmo tempo, um espaço de encontro. Os *punks* não fazem campanha para exigir que todos os jovens sejam *punks*, não mais do que os *ska's*, os góticos, os metaleiros, os *trashers*, ou os *rappers*, nem certamente os indígenas. Entretanto, o poder quer que sejamos como ele quer; que nos vistamos segundo a moda que nos é ditada, que falemos como ele dita, que comamos o que ele vende, que julgemos como belo e bonito o que ele considera belo e bonito, e até mesmo que amemos e odiemos como ele estabeleceu que deveriam ser o amor e o ódio. Além disso, o poder quer que façamos tudo isso de joelhos e em silêncio, sem dar saltos, sem gritos, sem levantes indígenas, como gente bem-educada. Por isso, o poder tem armas e polícias, para obrigar a ser idênticos os que são “outros”.

Mas os “outros” e os “diferentes” não procuram que todos sejam como eles e elas. De modo a que cada um diga: “a cada um seu *pet* ou seu *trip* (não sei o que dizem agora) e que, para que isso seja possível, não basta ser, é preciso ser respeitando o outro”. O “a cada um seu *pet*” é duplo: é a afirmação da diferença e o respeito a uma outra diferença. Quando se diz que se luta para que se respeite que sejamos “outros” e “diferentes”, isso inclui que lutamos também por aqueles que são “outros” e “diferentes”, mas que não são como nós. E é aí que todo esse movimento de resistência, chamado *underground* ou *subterrâneo* porque é o movimento dos de baixo e de sob os movimentos institucionais, encontra o zapatista.

Um mundo que contém muitos mundos

E este encontro é um encontro de guerreiros e guerreiras, entre aqueles que fazem da resistência uma arma e uma luta para ser o que eles são, para existir. Quando os

zapatistas falam de “um mundo que contém muitos mundos”, eles não descobrem nada de novo, eles estão simplesmente a dizer o que já dizem os “outros” e os “diferentes” que percorrem os mundos de baixo.

Nós, zapatistas, dizemos “sou como sou e você é como é, nós construímos um mundo onde eu possa existir sem deixar de ser eu mesmo, onde você possa existir sem deixar de ser você, onde nem eu nem você obrigamos o outro a ser como eu ou como você”. Dizendo de outra forma, quando os zapatistas dizem “um mundo que contém muitos mundos”, eles dizem, mais ou menos, nas palavras “a cada um seu *trip*”.

Resulta que somos semelhantes porque somos diferentes. Somos os mesmos perseguidos, os mesmos rejeitados, os mesmos surrados, os mesmos aprisionados, os mesmos desaparecidos, os mesmos assassinados. E não são os nossos que perseguem, que rejeitam, que surram, que aprisionam, que fazem desaparecer, que assassinam. E nosso delito não é de roubar, surrar, assassinar, insultar. Nosso delito não é nem mesmo de ser “outros” e “diferentes”. Nosso delito, que no código de justiça do poder merece a pena de morte, é a luta que levamos para continuar a ser “outros” e “diferentes”. Se fôssemos “outros” e “diferentes” envergonhados, escondidos, arrependidos, traidores de nós mesmos, procurando ser ou parecer o que o poder quer que sejamos ou pareçamos, eles nos dariam, então, um tapinha indulgente e apiedado e nos diriam “são problemas de juventude, isso passará com a idade”. Para o poder, o remédio contra a rebelião é o tempo. O que o poder não diz é o que essa “idade” esconde, supõe sarar e fazer passar a revolta juvenil. Horas, dias, meses, anos de golpes, insultos. Prisão, morte, violações, perseguições, esquecimento... Uma máquina trabalhando para nos fazer “sarrar”, se paramos de ser o que somos e nos tornamos servis, ou para nos eliminar, se nós nos obstinamos a ser o que somos, sem nos preocupar com o calendário, com aniversários ou com a data de certidão de nascimento.

Assim, então, somos transgressores da lei. Porque no sistema há uma lei que mata e faz calar aquele que é “outro” e “diferente”. E vivendo, gritando, falando, quer dizer sendo rebeldes, nós transgredimos essa lei e somos, automaticamente, delinquentes. E esses delinquentes que somos habitamos uma realidade rebelde, na qual a resistência é um ponto para nos encontrarmos, para nos reconhecermos em nossa diferença e em nossa igualdade. E o *rock*, também, é como um ponto que essas realidades atravessam para se encontrar. De que maneira o *rock* é espelho e vidro para essa realidade “outra” e “diferente”? Em verdade não sei e nem compreendo. Vejo e escuto grupos musicais como *Rage Against The Machin*, *Aztlán Underground*, *Tijuana No* e muitos outros e que todos são bons como músicos e como seres humanos. E eu me pergunto porque

eles fazem o que fazem, dizem o que dizem, tocam o que tocam. Creio que o melhor seria que eles nos dissessem o que se passa com eles. Pode ser que eles se perguntem, também, porque nós, zapatistas, fazemos o que fazemos, dizemos o que dizemos, toquemos o que toquemos, bem que para o *rock* sejamos piores (*mais* “malos” seria, talvez, um bom título para um grupo ou para uma *rola*; “malos” tal qual, sem “*Os*” ou “*As*” para incluir homens e mulheres, e aqueles que não são nem homens, nem mulheres, mas que existem...).

É para responder a esse “porque” que nós, os zapatistas, fazemos o que fazemos, dizemos o que dizemos e tocamos o que tocamos, que este vídeo é feito. Mas como ultrapassei os 20 minutos que me foram concedidos, eu paro por aqui. Demos, então, lugar aos amigos, à banda, aos compassos, aos companheiros ou, como diz esse filósofo intercontinental que se veste agora de pirata, Durito, “a cada um seu *pel*”. Saúde e (como está dito na capa do número especial deste fanzine que tem o bom gosto de se chamar “ZUPterrâneo”) com tantos *pets*, *something doesn't smell good*, que quer dizer algo como “vá de *pets* em *pets*”.

Tchau!